

Metáfora conceptual e ideologia: o caso do discurso das políticas de austeridade na imprensa portuguesa

Augusto Soares da Silva¹

Resumo: Este trabalho estuda a conceptualização metafórica das políticas de austeridade na imprensa portuguesa e seu propósito ideológico. A análise se apoia em um corpus de notícias e artigos de opinião publicados entre junho e julho de 2011, após a entrada de Troika, em maio de 2013, quando protestos contra políticas de autoridade se intensificaram. O estudo adota uma visão sociocognitiva da linguagem seguindo a promissora convergência entre Linguística Cognitiva e Análise Crítica do Discurso, com uma abordagem à metáfora conceptual centrada no corpus e no discurso. Usando o método do domínio alvo para a identificação da metáfora com base no corpus, foram coletadas 1.151 expressões metafóricas relacionadas à austeridade associadas a oito lexemas alvo, que incluem as metáforas conceptuais de grande cadeia do ser, de esquemas imagéticos e de evento/ação. Houve um grande aumento de sentido negativo destas metáforas entre 2011 e 2013. A análise revela a força persuasiva e manipuladora de certas metáforas, como a de obesidade/dieta, família endividada, bom aluno e sacrifício. Estas metáforas socialmente corporificadas se fundamentam em modelos culturais morais e servem a propósitos ideológicos, emocionais e morais.

Palavras-chave: Metáfora conceptual. Ideologia. Linguística Cognitiva. Análise Crítica do Discurso.

Abstract: This work studies the metaphorical conceptualization of austerity policies in the Portuguese press and its ideological purpose. The analysis relies on a corpus of news and opinion articles published in June-July 2011, after the entry of the Troika, and May 2013, when protests against the austerity policies intensified. The study adopts a socio-cognitive view of language following the promising convergence between Cognitive Linguistics and Critical Discourse Analysis, and the corpus-based and critical discourse-based approach to conceptual metaphor. Using the target-domain method for corpus-based metaphor identification, 1,151 austerity-related metaphorical expressions associated with eight target lexemes were gathered, which include GREAT CHAIN OF BEING, IMAGE SCHEMAS, and EVENT/ACTION metaphors. There was a strong increase in the negative sense of these metaphors between 2011 and 2013. The analysis reveals the persuasive and manipulative force of certain specific metaphors, such as obesity/diet, indebted family, good student, and

¹ Professor Catedrático de Linguística na Universidade Católica Portuguesa – Braga, Portugal.

sacrifice. These socially-embodied metaphors are grounding in moral cultural models and serve ideological, emotional and moral purposes.

Keywords: Conceptual metaphor. Ideology. Cognitive Linguistics. Critical Discourse Analysis.

Resumen: Este trabajo estudia la conceptualización metafórica de las políticas de austeridad en la prensa portuguesa y sus objetivos ideológicos. El análisis se basa en un corpus de noticias y artículos de opinión publicados en junio-julio de 2011, después de la entrada de la Troika, y en mayo de 2013, cuando las protestas contra las políticas de austeridad se intensificaron. El estudio adopta una perspectiva sociocognitiva del lenguaje siguiendo la prometedora convergencia entre la lingüística cognitiva y el análisis crítico del discurso, y el acercamiento a la metáfora conceptual basado en el corpus y el discurso. Usando el método del dominio meta para la identificación de la metáfora basada en el corpus, se han recopilado 1.151 expresiones metafóricas sobre la austeridad asociadas con ocho lexemas meta, las cuales incluyen metáforas conceptuales de la gran cadena del ser, de esquemas de imagen y de evento/acción. Hubo un fuerte incremento del sentido negativo de estas metáforas entre 2011 y 2013. El análisis muestra la influencia persuasiva y manipulativa de ciertas metáforas específicas, tales como obsesidad/dieta, familia endeudada, buen estudiante y sacrificio. Estas metáforas corporeizadas socialmente se basan en modelos culturales morales y cumplen propósitos ideológicos, emocionales y morales.

Palabras-clave: Metáfora conceptual. Ideología. Lingüística Cognitiva. Análisis Crítico del Discurso.

Introdução²

A atual *austeridade* económica tem o valor semântico de uma palavra de ação, mais conectada com o possível verbo *austerizar* do que com o adjetivo *austero*, e significa o processo de implementação de políticas e medidas económicas que conduzem à disciplina, ao rigor e à contenção e redução económica, social e cultural, combinando cortes na despesa e subidas de taxas. Efeito da própria crise financeira global, a austeridade tem sido a palavra-chave da atualidade, a ponto de se

² Este estudo foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal, como parte do projeto de investigação Pest-OE/FIL/UI0683/2011 do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos. Uma versão mais desenvolvida deste estudo, tanto na componente teórica e metodológica como na componente descritiva, encontra-se em Soares da Silva (no prelo).

falar de *sociedade da austeridade*, *cultura da austeridade* ou *era da austeridade*. A austeridade é uma política económica com uma grande e implícita carga ideológica e um influente alcance moral.

A metáfora constitui uma poderosa estratégia conceptual e discursiva para estruturar e dar sentido a questões de austeridade económica, política e social e para veicular propósitos ideológicos, emocionais e morais. Ela faz com que o discurso político e económico fortemente mediatizado das políticas e medidas de austeridade seja um discurso eficientemente persuasivo e manipulativo. Na verdade, a metáfora conceptual é constitutiva do discurso político e económico construído e disseminado pelos *media* e o seu poder cognitivo e persuasivo tem sido investigado em diversos estudos orientados na perspetiva da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1996; CHILTON, 1996; CHARTERIS-BLACK, 2004; 2005; 2013; KOLLER, 2004; 2013; MUSOLFF, 2004; SOARES DA SILVA, 2006; MORENO LARA, 2008; HERRERA-SOLER; WHITE, 2012, entre outros). A austeridade económica é um tópico propício à conceptualização e persuasão metafóricas, tal como já o tinha sido a crise financeira global (ROJO LÓPEZ; ORTS LLOPIS, 2010; SOARES DA SILVA, 2013a).

Este estudo desenvolve uma análise de *corpus* do poder persuasivo e manipulador da metáfora no discurso jornalístico da imprensa portuguesa sobre a implementação de duras políticas de austeridade para resolver a grave situação económica de Portugal, como país financeiramente resgatado. Em abril de 2011, Portugal pede ajuda financeira externa e o novo governo português, empossado em junho do mesmo ano, é levado a implementar duras e sucessivas medidas de austeridade recomendadas pela chamada Troika – triunvirato constituído por Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo

Monetário Internacional. Três anos depois, o governo opta pela “saída limpa” do programa de assistência financeira da Troika. A análise baseia-se num *corpus* de notícias e artigos de opinião publicados em junho-julho de 2011, depois da entrada da Troika, e em maio de 2013, quando se intensificam os protestos contra as políticas de austeridade.

O estudo assume uma perspetiva sócio-cognitiva da linguagem, seguindo a convergência promissora entre a Linguística Cognitiva (GEERAERTS ; CUYCKENS, 2007) e a Análise Crítica do Discurso (CHILTON, 2004; CHARTERIS-BLACK, 2005; DIRVEN et al., 2007; HART, 2010; 2014; 2015; KOLLER, 2014). Para o conceito-chave de metáfora, seguimos o quadro teórico da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON 1980, 1999), especialmente os recentes desenvolvimentos de abordagem centrada no *corpus* e no discurso da metáfora conceptual (CHARTERIS-BLACK, 2004; STEFANOWITCH; GRIES, 2006; VEREZA, 2007; 2013; SEMINO, 2008; MUSOLFF; ZINKEN, 2009; SARDINHA, 2011; STEEN, 2011; 2014).

Depois de especificarmos os aspetos teóricos e metodológicos do nosso estudo na secção seguinte, faremos, primeiramente, a identificação e a interpretação das metáforas conceptuais usadas na imprensa portuguesa para pensar, falar e agir sobre/com políticas de austeridade e, seguidamente, explicaremos as funções persuasivas e manipuladoras dessas metáforas da austeridade, destacando a sua ideologia e a sua base moral.

Metáfora conceptual, discurso, ideologia e *corpus*

Tendemos a conceptualizar domínios mais abstratos por similaridade conceptual com domínios mais concretos e imediatos e fundamentamos este *mapeamento metafórico* na experiência individual, coletiva e cultural, isto é, na nossa *corporização socioculturalmente situada*. Mais do que instrumento retórico, a metáfora é um fenómeno conceptual por natureza, um mecanismo cogn(osc)itivo, um modo natural de pensar, falar e agir. A Teoria da Metáfora Conceptual, desenvolvida no quadro da Linguística Cognitiva por Lakoff & Johnson (1980, 1999) e já com uma extensa bibliografia (SOARES DA SILVA, 2006), tem mostrado que a metáfora existe primária e fundamentalmente no plano do sistema conceptual humano, manifestando-se na linguagem verbal, nas imagens e em outras formas de comunicação, e como é natural e ubíquo o pensamento metafórico.

A *metáfora conceptual* constitui um esquema ou padrão conceptual, sob a forma X É Y, que se realiza num conjunto aberto de expressões (verbais ou não-verbais) diferentes e envolve um conjunto sistemático de correspondências ontológicas e epistémicas entre os respetivos domínios conceptuais origem (Y) e alvo (X). Tomamos uma realidade que conhecemos (ou pensamos que conhecemos) melhor como ponto de referência, como modelo para compreendermos fenómenos complexos. O mapeamento é sistemático, parcial, unidirecional e geralmente torna-se automático e inconsciente.

Como estratégia conceptual e discursiva de persuasão e manipulação, a metáfora é um tópico de investigação privilegiado da conceção da linguagem como produto da *cognição coletiva, distribuída, sinérgica, socioculturalmente situada*, produto da cognição socialmente

condicionada e dirigida para a atividade (BERNÁRDEZ, 2008, FRANK et al., 2008, ZLATEV et al., 2008, PISHWA, 2009) – concepção atualmente explorada pela “segunda geração” de ciências cognitivas e da própria Linguística Cognitiva.

O estudo da metáfora conceptual não pode pois desligar-se do contexto sociocultural nem da interação discursiva. Contrariando a versão padrão da Teoria da Metáfora Conceptual, com origem em Lakoff & Johnson (1980) e sintetizada por Kövecses (2002), que tende para uma abordagem universalista e descontextualizada da metáfora, os estudos mais recentes mostram como a metáfora é inteiramente contextualizada, quer socioculturalmente situada quer discursivamente construída (SEMINO, 2008; MUSOLFF; ZINKEN, 2009; STEEN, 2011; 2014). O estudo da comunicação na *esfera pública*, como a comunicação política e económica, é propício a esta abordagem maximamente contextualizada da metáfora: as estratégias discursivas da comunicação política e económica implicam processos cognitivos (como a metáfora) e representações mentais sobre política e economia e seus atores e ações e estes processos e representações mentais constroem-se na interação social discursiva (SOARES DA SILVA 2013b).

O estudo da metáfora no discurso político ou no discurso económico mostra como a metáfora é não só meio de conhecimento e compreensão do mundo como também estratégia de persuasão e manipulação emocional e ideológica. Uma *ideologia* é um conjunto explícito ou implícito de ideias e crenças assumidas por um grupo de pessoas, que conduz a uma representação mental do mundo e serve para unir indivíduos em ordem a alguma forma de ação social. Combina os meios retóricos da persuasão: pensar bem (*logos*), ter boas intenções

(*ethos*), parecer bem (*pathos*) e dizer a história de que o grupo precisa (CHARTERIS-BLACK, 2011, p. 22). Sendo a ideologia uma “modalidade de poder”, que contribui para estabelecer, manter e alterar “relações sociais de poder, domínio e exploração” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 9), ela acaba por ter inevitavelmente propósitos manipuladores. O *mito* é um outro tipo de história que partilha com a ideologia as finalidades persuasiva e manipuladora (CHARTERIS-BLACK, 2011, p. 22). Nos contextos políticos e económicos, a metáfora é uma poderosa estratégia persuasiva e manipuladora que contribui para a formação de uma ideologia implícita através do mito. A natureza corpórea e inconsciente da metáfora conceptual e a ideologia implícita que ela transporta levam a que a opinião pública nem sequer se dê conta de que está a ser manipulada. A temática da ideologia torna a sinergia entre Linguística Cognitiva e Análise Crítica do Discurso ainda mais estimulante, dando origem à análise *cognitiva e crítica* da metáfora e da própria ideologia.

A abordagem contextual e discursiva da metáfora implica uma metodologia empírica, como a análise de *corpus*. Desenvolvemos uma análise quantitativa baseada em *corpus* das metáforas da austeridade, capaz de fornecer fundamentação empírica tanto para a questão da identificação das metáforas da austeridade como para a questão da explicação das suas funções cognitivas e discursivas.

Existem três métodos possíveis para identificar metáforas num *corpus* computacionalmente não-annotado: (i) procurar metáforas manualmente; (ii) procurar expressões metafóricas a partir de palavras do domínio origem; e (iii) procurar expressões metafóricas a partir de palavras do domínio alvo. Optamos pelo *método do domínio alvo* de identificação de metáforas num *corpus*, tal como proposto por Stefanowitsch (2006) e aplicado, por exemplo, por Rojo López & Orts

Llopis (2010) no seu estudo sobre metáforas conceptuais da crise financeira global. A análise parte de um conjunto de itens lexicais pertencentes ao domínio alvo e, seguidamente, faz o levantamento de todas as expressões metafóricas associadas a essas palavras do domínio alvo. O método do domínio alvo permite um inventário mais completo de expressões metafóricas, evitando o duplo perigo do método do domínio origem, designadamente negligenciar domínios origem relevantes e ignorar referências literais ao domínio alvo.

Foram selecionadas 8 palavras-chave dos domínios alvo da economia, finanças e política e associadas às políticas de austeridade, designadamente *austeridade*, *corte*, *dívida*, *Estado*, *orçamento*, *pobreza*, *poupança* e *Troika*. Para cada um destes lexemas, incluindo também os seus derivados, como, por exemplo, *cortar*, *endividar*, *endividado*, *endividamento*, *empobrecimento*, foi feito o levantamento de todas as suas ocorrências no *corpus*.

O *corpus* é constituído por notícias e artigos de opinião do jornal *Público* publicados em dois períodos: (i) junho-julho de 2011, depois da entrada da Troika e aquando do anúncio feito pelo novo governo das primeiras medidas de austeridade; e (ii) maio de 2013, quando se intensificaram os protestos contra as políticas de austeridade, o governo e a Troika. Recolhemos todas as notícias e artigos de opinião que tratam de questões políticas, económicas e sociais relacionadas com as políticas de austeridade em Portugal. Essas questões incluem a implementação de medidas de austeridade, as recomendações e avaliações da Troika, o desempenho do governo português, a crise financeira e económica e o impacto social, económico e político das medidas de austeridade, designadamente desemprego, recessão

económica, protestos populares contra as políticas de austeridade e ameaças de crise política. Os textos jornalísticos que tratam dos mesmos temas noutros países, como Grécia, Irlanda e Espanha, foram excluídos.

O *corpus* foi pois dividido em dois *subcorpora*, para assim compararmos o uso de metáforas em diferentes períodos de aplicação das medidas de austeridade. O *corpus* A inclui textos de 15 de junho a 15 de julho de 2011. Pouco tempo depois do pedido de ajuda financeira externa (abril de 2011) e do acordo com a Troika (maio de 2011), este período tem como acontecimentos políticos principais (i) a tomada de posse do novo governo de coligação centro-direita (21 de junho) liderado por Pedro Passos Coelho, depois da demissão do anterior primeiro-ministro socialista José Sócrates e da vitória do partido de Pedro Passos Coelho nas eleições legislativas antecipadas (5 de Junho); (ii) o anúncio das primeiras medidas de austeridade recomendadas pela Troika (por exemplo, a 30 de junho o primeiro-ministro anuncia o corte de 50% do subsídio de Natal, quebrando uma promessa da campanha eleitoral); e (iii) o corte feito pela Agência de notação Moody's em quatro níveis do *rating* de Portugal, colocando a dívida do país na categoria de *lixo*.

O *corpus* B inclui textos de 28 de abril a 28 de maio de 2013. Passados dois anos de governação e implementação das medidas de austeridade, intensificam-se os protestos contra o governo, a Troika e a União Europeia e começa a generalizar-se a perceção pública de que as políticas de austeridade estão erradas. Os principais eventos políticos são (i) o chumbo pelo Tribunal Constitucional, no início de abril, das medidas do governo de corte do subsídio de férias para o setor público e pensionistas e criação de uma taxa sobre o subsídio de doença e

desemprego; (ii) o difícil acordo na conclusão da sétima avaliação da Troika, a 12 de maio; e (iii) as tensões políticas dentro da coligação de centro-direita, culminadas na crise política de junho com a demissão de ministros e a quase rutura da coligação.

A análise de *corpus* desenvolveu-se em três fases. Primeiro, recolhemos todas as expressões metafóricas associadas aos 8 lexemas selecionados encontradas no *corpus*. Segundo, cada uma das expressões metafóricas encontradas foi individualmente analisada, tendo em consideração o respectivo domínio origem, o tipo de motivação e o mapeamento estabelecido entre os domínios origem e alvo, sendo subsequentemente classificada como instância de determinado padrão de metáfora conceptual. Por exemplo, as expressões metafóricas *gorduras do Estado*, *emagrecimento do Estado* e *o Estado tem que fazer dieta* são diferentes instanciações da mesma metáfora conceptual O ESTADO É UM CORPO OBESO, a qual, por sua vez, é uma instanciação da metáfora de nível superior O ESTADO É UMA PESSOA e A ECONOMIA É UMA PESSOA. Como veremos a seguir, estas metáforas são agrupadas na categoria de metáforas baseadas na GRANDE CADEIA DO SER. Terceiro, comparamos as expressões metafóricas dos dois *corpora*, procurando diferenças no uso da linguagem metafórica para conceptualizar políticas de austeridade. Mais especificamente, verificamos que metáforas são usadas em sentido positivo e que metáforas são usadas em sentido negativo, bem como as mudanças nas conotações positiva ou negativa entre os dois períodos temporais. Como hipótese de trabalho, os textos escritos em 2011, aquando da entrada do novo governo e do anúncio das primeiras medidas de austeridade (*corpus A*), apresentarão um número mais elevado de expressões metafóricas com

conotação positiva, ao passo que os textos escritos dois anos depois, em 2013 (*corpus B*), terão mais expressões metafóricas usadas em sentido negativo.

Os dados do *corpus* foram analisados quantitativa e qualitativamente. Quantitativamente, recolhemos 1.151 expressões metafóricas associadas aos 8 lexemas seleccionados do domínio alvo: 481 expressões metafóricas no *corpus A* de 2011 e 670 no *corpus B* de 2013. Para a análise qualitativa, seguimos as classificações de metáforas políticas propostas por Lakoff (1996; 2004), Charteris-Black (2005) e, particularmente, Moreno Lara (2008). As 1.151 expressões metafóricas foram distribuídas por três categorias de metáforas conceptuais: (i) metáforas baseadas na GRANDE CADEIA DO SER, tal como Lovejoy (1936) e Lakoff & Turner (1989) interpretaram este modelo cognitivo; (ii) metáforas baseadas em ESQUEMAS IMAGÉTICOS, no sentido teorizado por Johnson (1987) e (iii) metáforas baseadas na metáfora AÇÕES SÃO EVENTOS. Cada uma destas metáforas conceptuais genéricas instancia-se em diversas metáforas conceptuais mais específicas, como veremos na secção seguinte.

Antes de prosseguir, não podemos deixar de assinalar as limitações das nossas opções metodológicas. Recolhemos dados linguísticos de apenas um jornal. O *Público* é um dos cinco principais jornais diários generalistas portugueses. Ao contrário da imprensa escrita de outros países, em Portugal os jornais diários generalistas não assumem editorialmente uma ideologia. Esta situação atenua, de alguma forma, a limitação do nosso *corpus*. Uma segunda limitação decorre do fato de não termos realizado uma análise contextual ou, mais precisamente, *cotextual* das expressões metafóricas encontradas

no *corpus*, tomando em consideração parâmetros como o segmento textual (título, *lead*, corpo do texto), o gênero jornalístico, etc.

Metáforas conceptuais das políticas de austeridade

A Tabela 1 apresenta o número de ocorrências de cada um dos lexemas (incluindo os seus derivados morfológicos) do domínio alvo selecionados e quantas dessas ocorrências constituem expressões metafóricas. O *corpus* B (2013) tem um número maior de expressões metafóricas do que o *corpus* A (2011) – 670 no *corpus* B contra 481 no *corpus* A –, mas a frequência relativa das expressões metafóricas é menor no *corpus* B do que no *corpus* A – 57,2% no *corpus* B contra 71,5% no *corpus* A. Esta diminuição de expressões metafóricas no *corpus* B (2013) resulta sobretudo do aumento significativo do uso dos lexemas *austeridade* e *corte* ao longo do tempo.

Lexemas	<i>Corpus</i> A (2011)		<i>Corpus</i> B (2013)	
	Ocor.	Met.	Ocor.	Met.
austeridade	68	44	244	134
corte	116	82	285	135
dívida	96	77	124	72
Estado	94	76	145	111
orçamento	64	43	107	76
empobrecimento	11	3	37	33
poupança	29	25	27	7
Troika	195	131	203	102
TOTAL	673	481	1172	670
%		71,5		57,2

Tabela 1. Lexemas, ocorrências e metáforas em ambos os *corpora*

Metáforas baseadas na GRANDE CADEIA DO SER

O primeiro tipo de metáforas analisado baseia-se no que Lovejoy (1936), numa perspectiva de história das ideias, e Lakoff & Turner (1989, p. 170), numa perspectiva linguístico-cognitiva, designaram como GRANDE CADEIA DO SER. Trata-se de um modelo cognitivo e cultural do pensamento ocidental de compreensão do universo e dos seres humanos, cuja premissa fundamental é a ideia de que qualquer entidade no universo ocupa um lugar próprio, de acordo com as suas propriedades e o seu comportamento, numa hierarquia divinamente planeada. As entidades que estão no topo da hierarquia são mais complexas e têm mais valor do que as entidades que estão em baixo, pelo que as formas superiores de existência dominam as formas inferiores. Na base da hierarquia, estão as entidades físicas naturais; a seguir, os objetos cujas propriedades estruturais e funcionais os tornam complexos; depois, as plantas, com as suas funções e atributos biológicos, e os animais, que se distinguem pelas suas características e comportamento instintivos; mais acima, os seres humanos, dotados de atributos e comportamento de ordem superior e, finalmente, as criaturas celestiais, com propriedades e comportamento sobrenaturais. As entidades de nível superior podem ser conceptualizadas através de atributos e comportamentos de entidades de nível inferior e vice-versa.

O nosso *corpus* é rico em metáforas da austeridade baseadas em atributos e comportamentos de pessoas e famílias. Encontramos também metáforas construídas a partir de outros domínios origem, como forças naturais, forças ou criaturas sobrenaturais, objetos materiais e objetos funcionais complexos. Não encontramos metáforas

associadas a animais nem a plantas. Os exemplos (1)-(10) ilustram metáforas da austeridade baseadas na GRANDE CADEIA DO SER.

(1) Adopção do pacote de austeridade mostra “uma **maturidade** incrível” dos portugueses (*Público*, 10.07.11)

(2) O drama é que, depois de dois anos de **austeridade draconiana**, que pôs o país a sofrer de uma maneira que não pensaríamos possível na Europa e em democracia (...) (*Público*, 19.05.13)

(3) O Governo promete “um **emagrecimento claro**” do Estado (*Público*, 06.07.11)

(4) O Estado vai ficar como está, **obeso**, só que temporariamente não insuflado. Voltará a **inchar** na primeira oportunidade. (*Público*, 06.05.13)

(5) é tempo de **emagrecer** a despesa e de **arrumar a casa** para cumprir o memorando (*Público*, 06.07.11)

(6) Gerir um país é como **gerir uma casa**? (*Público*, 05.05.13)

(7) Depois de ter sido o **bom aluno europeu**, Portugal terá de ser o bom arrependido europeu (*Público*, 25.06.11)

(8) Não há margem para mais austeridade, supressões e novos cortes e... se forem concretizados, o Governo é responsável pela **agonia e morte lenta** de uma extensa fatia do povo! (*Público*, 01.05.13)

(9) a derrapagem no défice, o “**monstro**”, que o novo Governo jura querer controlar. (*Público*, 02.07.11)

(10) não nos livramos desta **praga** [Troika] tão cedo (*Público*, 20.05.13)

As políticas de austeridade são metonimicamente associadas a atributos e comportamentos dos seres humanos, quer positivos, como responsabilidade, disciplina, honestidade, capacidade de sacrifício, rigor, cumprimento, honra; quer negativos, como irresponsabilidade,

laxismo, obesidade, crueldade, despotismo, escravidão, humilhação, maldade, obsessão, loucura, cegueira. Aceitar e pôr em prática as medidas de austeridade é ser uma pessoa responsável, disciplinada, honrada, cumpridora, patriótica, corajosa, abnegada, com espírito de sacrifício e bom aluno. Impor duras medidas de austeridade é ser uma pessoa severa, cruel, obsessiva, prepotente e déspota. Assim, os portugueses são conceptualizados como cumpridores, honrados, estoicos, exemplares, bons alunos e também como oprimidos, traídos e roubados. É claro que estas expressões relacionadas com o comportamento humano positivo ou negativo, moral ou imoral resultam de projeções metonímicas. Mas há também aqui um mapeamento metafórico: não no sentido de a austeridade ser conceptualizada como uma pessoa, porque a austeridade não é agentiva, mas no sentido de que as políticas e as medidas de austeridade são compreendidas em termos de atributos e comportamentos humanos, atitudes psicológicas e morais, ideais individuais e nacionais. A austeridade política e económica é pois metaforicamente conceptualizada em termos da austeridade psicológica e moral. Deste modo, a ideia abstrata de políticas de austeridade é humanizada ou mesmo divinizada e tanto endeusada como diabolizada.

Ainda em relação com o domínio do comportamento humano, mais metafórica é a conceptualização dos agentes institucionais da austeridade ou da falta dela. Assim, o Estado é metaforicamente conceptualizado como pessoa obesa, laxista, gastadora, desorganizada, que vive acima das suas possibilidades, endividada e que, conseqüentemente, deve disciplinar-se e emagrecer através de medidas de austeridade. A economia nacional é metaforicamente

conceptualizada como economia familiar, o orçamento do Estado como orçamento das famílias, as dívidas nacionais como dívidas das famílias, o Estado endividado como família endividada. O Governo e a Troika são metaforicamente conceptualizados como pessoas de bem ou de mal e Portugal, através do Governo, como bom aluno da Troika e da União Europeia.

As restantes metáforas da GRANDE CADEIA DO SER conceptualizam a austeridade como entidade não humana, como nos exemplos (8)-(10). A austeridade é conceptualizada como doença, da mesma forma que a crise financeira global foi produtivamente conceptualizada através de metáforas da doença (ver ROJO LÓPEZ; ORTS LLOPIS, 2010 e SOARES DA SILVA, 2013a). A austeridade é também conceptualizada como força natural inevitável, purificadora ou destrutiva, mais especificamente como força atmosférica, geológica e, particularmente, como fogo. De novo, o conceito de austeridade é alvo também da metáfora da catástrofe natural, muito produtiva na conceptualização da crise financeira (SOARES DA SILVA, 2013a). Mais frequentemente, a austeridade é conceptualizada como uma força sobrenatural, especificamente como bênção divina, milagre, anjo, magia e, sobretudo nos textos de 2013, como fatalidade, praga, demónio, monstro, força draconiana ou outra força mitológica muito temível. Algumas destas metáforas sobrenaturais servem também para conceptualizar a Troika, o Governo, a União Europeia e ainda a dívida do Estado. Outras expressões no *corpus* conceptualizam as medidas de austeridade como remédio e veneno, objeto físico ou artefato, especialmente arma ou bomba. O Estado e o Governo são frequentemente conceptualizados como casa, empresa ou máquina.

A Tabela 2 apresenta as frequências das metáforas da austeridade baseadas na GRANDE CADEIA DO SER encontradas no nosso *corpus*, indicando a percentagem de usos positivos e negativos dessas metáforas. Podemos assim verificar que os mesmos padrões específicos de metáforas da GRANDE CADEIA DO SER se repetem nos dois períodos. As metáforas baseadas no comportamento humano representam a maior parte das metáforas da GRANDE CADEIA DO SER em ambos os *corpora*: 61% no *corpus A* e 57,5% no *corpus B*. Se acrescentarmos outras metáforas relacionadas com os seres humanos, como as metáforas da doença, da casa e da empresa, esta percentagem sobe para 80,2% no *corpus A* e 72,4% no *corpus B*.

Metáforas	Corpus A (2011)		Corpus B (2013)	
	+	-	+	-
comportamento humano	29	11	16	47
comportamento humano -	35	4		
corpo obeso			11	18
comportamento humano -	8	1		
bom aluno			1	13
família - orçamento familiar	23	3	5	35
casa	7	1	0	3
empresa	11	5	9	7
doença	3	9	1	18
ser vivo (animal ou planta)	0	0	0	0
força natural	0	4	0	11
força sobrenatural	2	4	0	24
objeto	3	11	11	18
máquina, objeto funcional	6	7	1	5
Total	127	60	55	199
%	26,4	12,5	8,2	29,7

Tabela 2. Metáforas baseadas na GRANDE CADEIA DO SER

Resultado ainda mais interessante é a alteração clara dos valores positivo e negativo das metáforas da GRANDE CADEIA DO SER ao longo do tempo. Dos 38,9% de metáforas da GRANDE CADEIA DO SER encontradas

no *corpus* A (2011), 26,4% foram usadas em sentido positivo e 12,5% em sentido negativo. No *corpus* B (2013), a relação é inversa: do total de 37,9%, 8,2% são positivas e 29,7% são negativas. Confirma-se assim um grande aumento de metáforas negativas da GRANDE CADEIA DO SER de 2011 para 2013.

Metáforas baseadas em esquemas imagéticos

O segundo tipo de metáforas encontrado no *corpus* baseia-se em *esquemas imagéticos*. Trata-se de um outro conceito-chave em Linguística Cognitiva que, tal como a metáfora conceptual, é igualmente revelador da *corporização* do pensamento e da linguagem, não somente da corporização física e fisiológica, mas também da corporização social e cultural. Os esquemas imagéticos são padrões pré-conceptuais dos nossos movimentos no espaço, das nossas interações perceptivas e da nossa manipulação dos objetos (JOHNSON, 1987, PEÑA CERVEL, 2003, SOARES DA SILVA, 2003, 2006, HAMPE, 2005, OAKLEY, 2007). As metáforas baseadas em esquemas imagéticos, especialmente os esquemas imagéticos de CAMINHO, RECIPIENTE e FORÇA são muito produtivas no discurso político (CHILTON, 1996, MORENO LARA, 2008).

A Tabela 3 apresenta as frequências de metáforas da austeridade baseadas em esquemas imagéticos encontradas no *corpus*. Os dois esquemas imagéticos mais produtivos são CAMINHO, cuja estrutura básica é o esquema ORIGEM-CAMINHO-META, como nos exemplos (11)-(13), e FORÇA, como em (14), e suas especificações tais como coerção,

restrição, bloqueio e balança. CAMINHO e FORÇA estão intimamente ligados, sendo os esquemas da FORÇA um dos padrões dependentes do esquema do CAMINHO (PEÑA CERVEL, 2003). A austeridade é conceptualizada como um “longo e penoso caminho” necessário para que Portugal possa atingir as “metas de redução do défice e da dívida” acordadas com a Troika e, ainda, como força coerciva que obriga a “travar e reduzir o endividamento do Estado”. Mais emocionalmente, a austeridade é conceptualizada como “via de sentido único” para sair da crise. Principalmente nos textos mais recentes (*corpus B*), a austeridade é trajetória que é preciso “desacelerar, travar, desviar” e “fazer marcha atrás”, trajetória que já “chegou ao limite” e foi mesmo “para além das metas” impostas pela Troika e “caminho errado e apocalíptico” que tem provocado profunda recessão económica e lançado milhões de pessoas no desemprego. Outras metáforas da força são instanciadas em expressões como “forte e terrível impacto da austeridade ou das medidas da Troika”, “fardo da dívida”, “novos ‘apertos’ que o programa da Troika impõe”, “Troika resiste e força o governo”, “Troika não cede”, “Governo irá insistir junto da Troika para alívio do défice”.

(11) O antigo governador do Banco de Portugal não tem dúvidas de que há uma “longa e dolorosa **estrada**” de austeridade (*Público*, 05.07.11)

(12) O **caminho** escolhido levou ao empobrecimento dos cidadãos e à destruição do Estado social. (*Público*, 11.05.13)

(13) O Governo, com Gaspar **ao leme**, continua a sua **caminhada apocalíptica**, indiferente ao consenso crescente sobre os malefícios da austeridade e a incompetência da governação (*Público*, 21.05.13)

- (14) A *troika* não cede e as ameaças não se cumprem. Entretanto, o povo geme e tudo indica que não aguenta. (*Público*, 11.05.13)
- (15) O Governo tem de **recuar** nestas medidas de austeridade. (*Público*, 02.05.13)
- (16) A **torneira** do crédito está a fechar. (*Público*, 08.07.11)
- (17) Não há **margem** para mais austeridade (*Público*, 01.05.13)

Metáforas	Corpus A (2011)		Corpus B (2013)	
	+	-	+	-
origem-caminho-meta	12	17	13	74
à frente-atrás	10	14	0	16
em cima-em baixo	4	9	0	41
ligação	7	0	5	3
força	20	28	18	34
espiral	2	3	0	8
recipiente	7	15	10	14
Total	62	86	46	190
%	12,9	17,9	6,9	28,4

Tabela 3. Metáforas baseadas em ESQUEMAS IMAGÉTICOS

Outras expressões metafóricas da austeridade baseiam-se noutros esquemas subsidiários do CAMINHO, designadamente (i) FRENTE-TRÁS, como no exemplo (15) e “governo avança com novas medidas”, “inverter o rumo”, “recoo do governo e da Troika”, “austeridade recessiva”; (ii) EM CIMA-EM BAIXO, como “dívida cresceu mais do que o previsto”, “austeridade afunda economia”; (iii) ESPIRAL, como “espiral da dívida”; (iv) LIGAÇÃO, como “conciliar consolidação orçamental com crescimento económico” e (v) RECIPIENTE, como em (16)-(17) e “pacotes de austeridade”, “contenção orçamental”.

Dos 30,8% de metáforas da austeridade baseadas em ESQUEMAS IMAGÉTICOS encontradas no *corpus* A, 12,9% são usadas em sentido positivo e 17,9% são negativas. No *corpus* B foi encontrada uma

percentagem bastante superior de usos negativos, totalizando 28,4%, contra apenas 6,9% de usos positivos. De novo, se confirma um forte aumento de usos negativos das metáforas da austeridade de 2011 para 2013.

Metáforas baseadas em AÇÕES SÃO EVENTOS

O *corpus* contém um terceiro tipo de metáfora da austeridade: são as metáforas baseadas na metáfora genérica AÇÕES SÃO EVENTOS, ela própria incluída na estrutura conceptual da metáfora da ESTRUTURA DE EVENTO, pela qual ações, estados, mudanças, causas, objetivos e instrumentos se conceptualizam em termos de espaço, movimento e força (LAKOFF; TURNER, 1989, LAKOFF, 1993, LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 170-234). Assim, a implementação de políticas de austeridade e atividades associadas são conceptualizadas em termos de eventos como guerra, jogo, espetáculo, atividade moral ou imoral, missão e morte. Às vezes, a conceptualização faz-se através da metáfora AÇÕES SÃO AÇÕES: é o que acontece quando a prática da austeridade é conceptualizada como gestão da casa ou da empresa e como prática médica, especificamente terapia ou tratamento doloroso. As metáforas baseadas na metáfora AÇÕES SÃO EVENTOS/AÇÕES, sistematizadas na Tabela 4 e exemplificadas em (18)-(28), partilham propriedades conceptuais como conflito, agressividade, competitividade, capacidade de sacrifício e de sofrimento e (i)moralidade.

<i>Corpus</i>	A	<i>Corpus</i>	B
---------------	---	---------------	---

Metáforas	(2011)		(2013)	
	+	-	+	-
guerra	6	17	5	48
jogo	0	3	6	5
espetáculo	3	3	3	16
gestão da casa	6	0	0	4
gestão da empresa	12	5	10	12
missão	64	10	0	35
terapia	13	4	0	36
Total	104	42	24	156
%	21,6	8,7	3,6	23,3

Tabela 4. Metáforas baseadas na metáfora AÇÕES SÃO EVENTOS/AÇÕES

(18) O presidente da Caixa Geral de Depósitos disse ontem esperar que o próximo executivo formado por PSD e CDS-PP seja “um governo de **guerra**”, para fazer cumprir o acordo que foi estabelecido com a *troika*. (*Público*, 15.06.11)

(19) no momento em que a *troika* **ataca** direitos conquistados, é muito importante que todos os jovens e todos os cidadãos conheçam e **lutem por** estes direitos (*Público* 17.05.13)

(20) Portugal sabe por experiência própria que a embriaguez da dívida se limita a **encenar** um falso e curto bem-estar até ao dia em que chega a factura e o colapso. (*Público*, 22.06.11)

(21) Se não se aceitar que a crise exige **sacrifícios**, não haverá condições para se cumprir o acordo com a *troika* (*Público*, 15.06.11)

(22) o PS tem que participar na definição das medidas de “salvação nacional”, já que é necessário “novos cortes” que permitam “compensar o desvio orçamental”. É esta a altura de o PS contribuir para “**salvar o país**” (*Público*, 05.07.11)

(23) O “**credo da austeridade**” começou a recuar na Europa. (*Público*, 12.05.13)

(24) Num modelo de ajustamento que exige a **expição calvinista do sacrifício** como **redenção** de supostos

pecados, os que sofrem a perda de rendimentos são **condenados a empobrecer** (*Público*, 12.05.13)

(25) **Empobrecimento** e miséria impostos por políticas erradas é **crime**, segundo a doutrina social da Igreja (*Público*, 28.04.13)

(26) Há duas mentiras que têm sido repetidas na sociedade portuguesa: que os portugueses andaram a gastar acima das suas possibilidades e que não há alternativa à austeridade para **expiarem os pecados** (que não cometeram) (*Público*, 03.05.13)

(27) Este percurso de **cura** dolorosa e rápida desejado pela *troika* para Portugal e em que o Banco de Portugal acredita é a única solução, defende o relatório ontem publicado (*Público*, 12.07.11)

(28) esta **ditadura** do Ministério das Finanças da austeridade pela austeridade está a **matar** a economia e a provocar mais falências e mais desemprego (*Público*, 29.04.2013)

As metáforas da guerra, exemplificadas em (18)-(19), realizam-se noutras expressões como “combater a austeridade”, “cruzada antiausteridade”, “movimento Libertar Portugal da Austeridade”, “programas de austeridade de uma violência sem paralelo”, “capitulação de Portugal perante a *troika*”. A metáfora da gestão da casa ou empresa realiza-se, nos textos de 2011, em expressões como “é tempo de arrumar a casa”, ao passo que nos textos de 2013 ocorrem usos interrogativos com conotações negativas, tipicamente em títulos de notícias, como “Gerir um país é como gerir uma casa?”, “O Estado deve ser gerido como uma empresa?”. Nos textos de 2013, são também frequentes as metáforas da terapia e tratamento doloroso (“dura cura de austeridade imposta pela *troika*”, “cumprir a sangria da *troika*”, “osteoporose do

Estado social, sujeito a fractura eminente mas invisível a olho nu”), bem como a metáfora AUSTERIDADE É MORTE (“[austeridade provoca] agonia e morte lenta de uma extensa fatia do povo”, “matar o doente pela cura”), a qual se associa ao ditado popular que diz que por vezes os remédios prejudicam mais do que curam.

De entre as metáforas de EVENTO/AÇÃO, destacam-se as metáforas morais. No *corpus A*, 50,7% de metáforas de EVENTO/AÇÃO instanciam a metáfora da MISSÃO: a implementação da austeridade é um imperativo nacional, uma obrigação moral, a única solução para salvar o país; o governo e a Troika têm a missão difícil mas gloriosa de fazer cumprir um duro programa de ajustamentos, cortes e aumento de impostos; e os portugueses têm o dever de fazer os necessários e inevitáveis sacrifícios. Simultaneamente ocorrem com frequência metáforas do sacrifício com conotações positivas. Pelo contrário, no *corpus B*, 19,4% das metáforas de EVENTO/AÇÃO são imorais, especificamente de maldade política e económica, sofrimento inútil, austeridade cega, destruição e miséria ou expressões como “o fim do dogma da ortodoxia da austeridade”.

Verificando agora as conotações positivas e negativas destas metáforas, encontramos de novo um forte aumento de metáforas negativas de 2011 para 2013: de 8,7% de metáforas negativas e 21,6% de metáforas positivas no *corpus A*, passa-se para 23,3% de metáforas negativas e apenas 3,6% de metáforas positivas no *corpus B*.

Como síntese dos resultados obtidos, a Tabela 5 apresenta o número total e a frequência relativa das três metáforas genéricas da austeridade encontradas em cada *corpus*. Pode assim verificar-se que as metáforas da GRANDE CADEIA DO SER predominam em ambos os *corpora*

- 38,9% no *corpus* A e 37,9% no *corpus* B - e de 2011 para 2013 há um aumento claro de metáforas negativas.

Metáforas	<i>Corpus</i> A (2011)				<i>Corpus</i> B (2013)			
	+		-		+		-	
Metáforas baseadas na GRANDE CADEIA DO SER	127	26,4	60	12,5	55	8,2	199	29,7
Metáforas baseadas em ESQUEMAS IMAGÉTICOS	62	12,9	86	17,9	46	6,9	190	28,4
Metáforas baseadas na metáfora AÇÕES SÃO EVENTOS	104	21,6	42	8,7	24	3,6	156	23,3

Tabela 5. Os três tipos de metáforas em ambos os *corpora*

Importa fazer dois esclarecimentos sobre a Tabela 5 e as anteriores. Primeiro, os limites entre o primeiro e o terceiro tipo de metáforas são imprecisos. O critério de distinção residiu na natureza nominal ou relacional do domínio alvo de conceptualização metafórica: se a unidade conceptual do domínio alvo é uma ‘entidade’, a expressão metafórica pertence às metáforas da GRANDE CADEIA DO SER; se é um ‘situação’, a expressão metafórica pertence às metáforas baseadas na metáfora AÇÕES SÃO EVENTOS/AÇÕES. Segundo, os três tipos de metáforas da austeridade sobrepõem-se com frequência e de diferentes modos. Por exemplo, são frequentes as combinações de metáforas do CAMINHO e metáforas da MISSÃO e do SACRIFÍCIO. Nestes bem como nos outros casos, a ocorrência ou não de expressões do domínio origem de conceptualização foi o critério para a inclusão/exclusão da expressão metafórica em causa no respetivo tipo de metáforas da austeridade.

Emoção, ideologia e moral das metáforas da austeridade

As metáforas da austeridade encontradas no *corpus* fundamentam-se em experiências *corporais* socioculturalmente *situadas* dos seres humanos e servem importantes funções no discurso político e económico. Vejamos estas dimensões das motivações e das funções das metáforas das políticas de austeridade e como as motivações experienciais potenciam e dão eficiência às funções discursivas.

As metáforas das políticas de austeridade articulam-se com o modo como os seres humanos experienciam a realidade, tanto fisiológica como socioculturalmente. Estas metáforas baseiam-se quer em experiências corpóreas de movimento, força, gravidade, dieta, dor, doença, sofrimento, morte, quer em experiências sociais como gestão da casa e da empresa, luta e guerra, competição desportiva, cura clínica, missão, quer ainda em tradições culturais, como sociedade de consumo/austeridade, cultura do sacrifício e da expiação, relações laborais, estado social, direitos sociais e padrões éticos e morais. Estão presentes nas metáforas da austeridade aspetos da cultura portuguesa, como a tendência dos portugueses para a passividade, a inação ou o *medo de existir* (GIL, 2004), o pessimismo, a culpabilização e a *autoflagelação* (SANTOS, 2012), que nos leva a aceitar resignadamente as duras medidas de austeridade e a acreditar que “não há alternativa”. Todas estas experiências humanas são configuradas pelo contexto social e cultural em que se inserem. Quer isto dizer que as metáforas *corporizadas* da austeridade estão necessariamente *situadas* no

contexto físico, social, cultural e histórico no qual as experiências corpóreas bem como as outras experiências humanas funcionam.

A *corporização* socioculturalmente *situada* das metáforas da austeridade faz delas modelos cognitivos com importantes funções discursivas. Uma das estratégias de persuadir e manipular consiste em provocar emoções na audiência – é a noção aristotélica de *pathos*. As metáforas da austeridade servem para provocar medo e pânico na opinião pública: o medo da bancarrota nacional, do abismo fiscal, do colapso do Estado, da incerteza quanto ao futuro, de perder o emprego; enfim, um medo social ou *medo líquido*, no sentido de Bauman (2006), induzido por previsões de cenários catastróficos. O medo legitima a própria narrativa da austeridade e faz com que entendimentos alternativos às políticas de austeridade sejam deslegitimados.

As metáforas da austeridade que encontramos no *corpus* desempenham uma importante função *ideológica*, quase sempre implícita e dissimulada. Elas servem perfeitamente a agenda ideológica da austeridade oferecida pela Troika como sendo a única solução a ser tomada pelo governo português para salvar o país. Mais especificamente, estas metáforas convencem os portugueses com argumentos emocionais (medo social) e morais (ver a seguir) a (i) não “viver acima das suas possibilidades” e (ii) aceitar os cortes drásticos nas despesas sociais do Estado, reduções de salários, sacrifícios fiscais e pobreza, simplesmente porque “não há alternativa” que evite a bancarrota, o colapso do Estado e o desmantelamento do euro.

Este poder ideológico das metáforas da austeridade é alimentado por *mitos* económicos e políticos – os chamados “mitos da austeridade” (KRUGMAN, 2010; 2011), “mitos da austeridade europeia”, “mitos da Era da Austeridade” ou ainda “mitos do senso comum na era da

austeridade” (SOEIRO; CARDINA; SERRA, 2013). Entre estes mitos, estão as ideias de que os governos são os responsáveis da crise económica, porque gastaram de mais; os défices orçamentais são sempre um problema; os cortes drásticos de dispendiosos programas sociais são a única maneira de estancar e reduzir o défice; a hipótese do “ajustamento ou consolidação fiscal expansiva”; as medidas de austeridade ajudam as economias a crescer; tal como as famílias e as empresas, o governo deve viver dentro das suas possibilidades financeiras; e a austeridade justifica-se porque não há outra alternativa capaz de resolver os problemas.

Entre as metáforas da austeridade que encontramos no *corpus* e analisamos na secção anterior, há três metáforas específicas que, embora tenham uma frequência pouco elevada em ambos os *subcorpora*, são as mais ideológicas e as mais persuasivas e manipuladoras na justificação e implementação das duras medidas de austeridade, nomeadamente:

(1) O ESTADO É UM CORPO OBESO (8,1% no *corpus* A e 4,3% no *corpus* B)

(2) ORÇAMENTO NACIONAL É ORÇAMENTO FAMILIAR / DÍVIDA NACIONAL É DÍVIDA FAMILIAR / ECONOMIA É GESTÃO DA CASA (6,7% no *corpus* A e 6,6% no *corpus* B)

(3) PORTUGAL É BOM ALUNO (1,9% no *corpus* A e 2,1% no *corpus* B)

A metáfora da obesidade e do emagrecimento faz passar a ideia de que os portugueses “têm vivido acima das suas possibilidades” e, recorrendo excessivamente ao crédito, se “têm endividado” para, “irresponsavelmente”, alcançarem um estilo de vida consumista,

expresso em padrões antes restringidos aos mais ricos, como a troca frequente de carro e as férias em destinos paradisíacos. A mesma metáfora faz também passar a ideia de um Estado-providência que se tem tornado um Estado-papão, gastando mais do que o que pode e deve. Estas ideias contribuem para a aceitação de que a grave crise económica que vivemos é da nossa responsabilidade, sendo por isso chegada a hora de todos – Estado e cidadãos – pagarmos a respetiva fatura. A mesma metáfora serve assim para legitimar os cortes drásticos nas despesas sociais, a redução dos salários e o aumento de impostos e serviços públicos. Em síntese, grandes cortes nas despesas públicas são a *cura* do problema financeiro e económico.

A metáfora da família igualiza o endividamento da economia nacional e o endividamento de uma família; a gestão do orçamento de Estado e a gestão de um orçamento doméstico. Em ambos os casos, não podemos gastar mais do que o que temos, sob pena de termos uma dívida crescente. E em ambos os casos a despesa tem que ser cortada em tempos de crise. Um ex-ministro das Finanças e comentador mediático (Medina Carreira) afirmou relativamente à economia portuguesa dos últimos 20 anos que “qualquer dona de casa teria feito melhor do que os governos que tivemos”. Esta é a *má metáfora*, como alerta o Nobel da Economia Paul Krugman, visto que o orçamento nacional não é como o orçamento familiar, nem gerir um país é como gerir uma casa (KRUGMAN, 2010; 2011). Além disso, a metáfora da gestão da casa leva-nos a entender as causas e as soluções dos problemas da economia em termos de comportamento das famílias. Por estas e outras razões, o economista político Mark Blyth diz que a austeridade é “uma ideia muito perigosa” (BLYTH, 2013). A metáfora da família endividada serve, assim, para legitimar as políticas de controlo

do défice e todo o tipo de cortes na despesa pública, desde a redução de efetivos na função pública à forte redução ou desmantelamento dos serviços públicos e da segurança social.

A metáfora do bom aluno transmite a ideia de que Portugal deve cumprir as metas traçadas pela Troika, deve atingir as metas orçamentais, deve ser diferente da Grécia, deve honrar os seus compromissos e deve ser visto como um bom exemplo das medidas de austeridade. O governo português orgulha-se da imagem externa de bom aluno da Troika e bom aluno europeu, assegurada por avaliações positivas da Troika, cumprimento das metas orçamentais, ir “além da Troika” ou das metas acordadas com a Troika e ser conhecido como “o melhor aluno da Troika”, que nunca se deixa comparar com o “pior aluno” que é a Grécia. Mesmo usada ironicamente, como em “os fretes do bom aluno da Troika”, a metáfora do bom aluno serve para legitimar o cumprimento das medidas de austeridade, as metas orçamentais, as recomendações da Troika e as duras políticas de austeridade da União Europeia. Na verdade, a metáfora do bom aluno foi vendida pelo Governo pela necessidade de seguir religiosamente uma receita que haveria de trazer, em pouco tempo, a recuperação económica do país. Para a Troika e para a política europeia, serve para demonstrar que a estratégia da austeridade não só funciona como se recomenda e deve ser aprofundada. A metáfora do bom aluno serve hoje, num cenário de crescente incerteza, ao Governo como instrumento negocial para transmitir a ideia de que compensa a postura negocial que tem vindo a seguir.

A eficácia persuasiva e manipuladora das metáforas da austeridade resulta, não só da *corporização* física e social em que se

fundamentam, como também da carga moralista que encerram. Grande parte das metáforas que encontramos no *corpus* evoca o comportamento humano, o qual é sempre, e por natureza, moralmente orientado: 80,2% das metáforas da GRANDE CADEIA DO SER no *corpus A*, 72,4% das mesmas metáforas no *corpus B* e todas as metáforas baseadas na metáfora AÇÕES SÃO EVENTOS/AÇÕES têm a ver com o comportamento humano. Também as metáforas de esquemas imagéticos contêm conotações morais. Tudo isto não surpreende, já que economia e política andam, por natureza e também por interesse, intimamente ligadas à moral. O mais interessante é que as metáforas da austeridade envolvem modelos morais opostos, idênticos aos modelos morais baseados na família que Lakoff (1996; 2004) identificou na política americana, a saber: o modelo moral do PAI RIGOROSO, característico dos conservadores, e o modelo moral do PAI NUTRIENTE, dos progressistas ou liberais.

A austeridade económica é a *disciplina moral* que castiga as falhas morais do indivíduo e da sociedade, tais como “viver acima das suas possibilidades”, ter um estilo de vida consumista, endividar a família, alimentar uma “cultura de dependência”, viver de subsídios, gastar de mais. A austeridade é assim, não uma medida económica temporária, mas um *imperativo moral permanente*. É castigo necessário, limpeza dos pecados (dos “pecadores da dívida” ou “pecadores fiscais”, através da metáfora DÍVIDA É PECADO), sacrifício inevitável, dor e expiação, imperativo moral individual e nacional e missão moral para obrigar os portugueses a “não viverem acima das suas possibilidades financeiras”; é ainda purificação, redenção, recompensa, prosperidade, salvação individual e nacional e boa moral. Temos aqui a moral *conservadora*, da autodisciplina, do castigo e da recompensa, que Lakoff

(1996; 2004) caracteriza em termos do modelo moral metafórico do PAI RIGOROSO. O pai sabe o que está certo e o que está errado, dita as regras, protege e suporta a família, disciplina os filhos através do sacrifício e do castigo. Tal como a autoridade de um pai rigoroso deve ser preservada numa família, assim também os princípios morais conservadores devem ser preservados na vida política. Esta moral conservadora confere uma conotação positiva às duras políticas de austeridade, sendo natural que as metáforas positivas sejam mais frequentes nos textos escritos durante os primeiros meses de implementação das políticas de austeridade e, simultaneamente, durante o período de “estado de graça” do novo governo, como vimos no *corpus A* de 2011.

Todavia, a austeridade económica impede a legítima aspiração das pessoas a satisfazerem os seus ideais de vida e vai contra a democracia e o estado social. Mais importante ainda, a austeridade é vista, não como uma verdadeira política económica, mas como uma política de crime e castigo, pecado e expiação. É por isso que a austeridade económica é percecionada como imoral. Tal como Lakoff (1996; 2004) observa, os PAIS NUTRIENTES ensinam os filhos a serem responsáveis individual e socialmente, através de uma disciplina não punitiva mas positiva, e preparam-nos para uma vida feliz. Esta moral *progressista* denuncia a imoralidade da austeridade económica. Este sentido negativo das metáforas da austeridade torna-se mais frequente nos textos mais recentes, como vimos no *corpus B* de 2013, a partir do momento em que a opinião pública perceciona o falhanço das políticas de austeridade. As características perversas e imorais das metáforas da austeridade estão hoje no centro do discurso do movimento antiausteridade.

Conclusão

A metáfora é uma poderosa e eficiente estratégia conceptual e discursiva usada na imprensa portuguesa para dar sentido às políticas de austeridade e às suas implicações económicas, políticas e sociais e para servir uma agenda ideológica, emocional e moral. As expressões metafóricas encontradas no *corpus* instanciam metáforas baseadas na GRANDE CADEIA DO SER, metáforas de ESQUEMAS IMAGÉTICOS e metáforas baseadas na metáfora AÇÕES SÃO EVENTOS/AÇÕES. Mais especificamente, as metáforas da austeridade tomam como domínios conceptualizantes o comportamento humano (responsabilidade/irresponsabilidade, disciplina, sacrifício, obesidade, crueldade, despotismo, honra, bom aluno), o orçamento e as dívidas das famílias, esquemas imagéticos do CAMINHO e da FORÇA, e determinados eventos ou ações como guerra, jogo, gestão da casa ou da empresa, terapia e missão.

Comparando os dois períodos analisados – junho-julho de 2011 e maio de 2013 –, verifica-se um forte aumento do sentido negativo das metáforas da austeridade usadas na imprensa portuguesa, de 2011, aquando das primeiras implementações das medidas de austeridade, para 2013, aquando da intensificação dos protestos contra as políticas de austeridade.

A análise de *corpus* revela a força persuasiva e manipuladora das metáforas genéricas e específicas usadas na implementação e justificação de duras políticas de austeridade, especialmente as metáforas da obesidade/dieta, da família endividada, do bom aluno e do sacrifício. Estas metáforas socialmente *corporizadas* fundamentam-se em modelos culturais morais e servem a agenda ideológica da

austeridade, no sentido de convencerem os portugueses, com argumentos emocionais e morais, a “não viverem acima das suas possibilidades financeiras” e a aceitarem os cortes drásticos nas despesas sociais do Estado, reduções salariais, sacrifícios fiscais e pobreza. A austeridade económica é pois metaforicamente conceptualizada como disciplina moral, imperativo moral permanente e castigo necessário. Este modelo de moral *conservadora* confere à austeridade uma conotação positiva, prevalente no *corpus* de 2011. Os protestos contra a austeridade, mais frequentes no *corpus* de 2013, apoiam-se num modelo de moral *progressista* e exploram a imoralidade das metáforas da austeridade.

Finalmente, a perspetiva cognitiva da metáfora conceptual e a análise centrada no *corpus* e no discurso que toma como ponto de partida conceitos do domínio alvo do mapeamento metafórico oferecem evidência empírica quer da existência das próprias metáforas da austeridade, quer das suas funções persuasivas e manipuladoras orientadas para atingir objetivos ideológicos, emocionais e morais.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt . *Liquid Fear*. Cambridge: Polity Press, 2006.
- BERNÁRDEZ, Enrique. Collective Cognition and Individual Activity: Variation, Language and Culture. In Roslyn M. FRANK, René DIRVEN, Tom ZIEMKE & Enrique BERNÁRDEZ (eds.), *Body, Language, and Mind. Volume 2. Sociocultural Situatedness*, 137-166. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.
- BLYTH, Mark. *Austerity: The History of a Dangerous Idea*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- CHARTERIS-BLACK, Jonathan. *Corpus Approaches to Critical Metaphor*

Analysis. Basingstoke: Palgrave, 2004.

_____. *Politicians and Rhetoric. The Persuasive Power of Metaphor*. Basingstoke: Palgrave, 2005.

_____. *Politicians and Rhetoric. The Persuasive Power of Metaphor*. 2nd edition. Basingstoke: Palgrave, 2011.

_____. What is the Purpose of Metaphor in Political Discourse? An Answer from Critical Metaphor Analysis. In Augusto SOARES DA SILVA, Cândido MARTINS, Luísa MAGALHÃES & Miguel GONÇALVES (eds.), *Comunicação Política e Económica. Dimensões Cognitivas e Discursivas*, 69-87. Braga: Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2013.

CHILTON, Paul. *Analysing Political Discourse: Theory and Practice*. London: Routledge, 2004.

DIRVEN, René, Frank POLZENHAGEN & Hans-Georg WOLF. Cognitive Linguistics, Ideology, and Critical Discourse Analysis. In Dirk GEERAERTS & Hubert CUYCKENS (eds.), *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, 1222-1240. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. London: Routledge, 2003.

FRANK, Roslyn M., René DIRVEN, Tom ZIEMKE & Enrique BERNÁRDEZ (eds.) *Body, Language, and Mind*. Volume 2. Sociocultural Situatedness. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

GEERAERTS, Dirk. *Theories of Lexical Semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

GEERAERTS, Dirk & Hubert CUYCKENS (eds.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007.

GIL, José. *Portugal, Hoje: O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

HAMPE, Beate (ed.) *From Perception to Meaning*. Image schemas in Cognitive Linguistics. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005.

HART, Christopher. *Critical Discourse Analysis and Cognitive Science: New Perspectives on Immigration Discourse*. Basingstoke: Palgrave, 2010.

_____. *Discourse, Grammar and Ideology: Functional and Cognitive Perspectives*. London: Bloomsbury, 2014.

_____. Discourse. In Ewa DABROWSKA & Dagmar DIVJAK (eds.) *Handbook of Cognitive Linguistics*, 322-346. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2015.

HERRERA-SOLER, Honesto & Michael WHITE (eds.) *Metaphor and Mills*.

Figurative Language in Business and Economics. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2012.

JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KOLLER, Veronika. *Metaphor and Gender in Business Media Discourse: A*

Critical Cognitive Study. Basingstoke: Palgrave, 2004.

_____. Socio-cognitive Approaches to Corporate Discourse. In Augusto SOARES DA SILVA, Cândido MARTINS, Luísa MAGALHÃES & Miguel GONÇALVES (eds.), *Comunicação Política e Económica*. Dimensões Cognitivas e Discursivas, 89-103. Braga: Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2013.

_____. Cognitive Linguistics and Ideology. In Jeanette LITTLEMORE & John R. TAYLOR (eds.), *The Bloomsbury Companion to Cognitive Linguistics*, 234-252. London: Bloomsbury Publishing, 2014.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor. A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KRUGMAN, Paul. Myths of Austerity. *The New York Times*, July 1, 2010.

Disponível:<<http://www.nytimes.com/2010/07/02/opinion/02krugman.html?ref=paulkrugman>>

_____. When Austerity Fails. *The New York Times*, May 22, 2011. Disponível em:<<http://www.nytimes.com/2011/05/23/opinion/23krugman.html?ref=paulkrugman>>.

LAKOFF, George. The Contemporary Theory of Metaphor. In Andrew ORTONY (ed.), *Metaphor and Thought*. p.202-251. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. *Moral Politics*. How Liberals and Conservatives Think. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

_____. *Don't Think of Elephant! Know your Values and Frame the Debate: The Essential Guide for Progressives*. New York: Chelsea Green, 2004.

LAKOFF, George & Mark JOHNSON. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George & Mark TURNER. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LOVEJOY, Arthur O. *The Great Chain of Being: A Study of the History of an Idea*. Cambridge: Harvard University Press, 1936.

MORENO LARA, María Angeles. *La metáfora en el lenguaje político de la prensa americana*. Modelos cognitivos y formación de significado. Granada: Comares, 2008.

MUSOLFF, Andreas. *Metaphor and Political Discourse*. Analogical Reasoning in Debates about Europe. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.

MUSOLFF, Andreas & Jorg ZINKEN (eds.). *Metaphor and Discourse*. Basingstoke: Palgrave, 2009.

- OAKLEY, Todd. Image Schemas. In Dirk GEERAERTS & Hubert CUYCKENS (eds.), *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, 214-235. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007.
- PEÑA CERVEL, Sandra. *Topology and Cognition: What Image Schemas Reveal about the Metaphorical Language of Emotions*. München: Lincom, 2003.
- PISHWA, Hanna (ed.). *Language and Social Cognition. Expression of the Social Mind*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- ROJO LÓPEZ, Ana María & María Ángeles ORTS LLOPIS. Metaphorical Pattern Analysis in Financial Texts: Framing the Crisis in Positive or Negative Metaphorical Terms. *Journal of Pragmatics* 42: 3300-3313, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Portugal – Ensaio contra a Autoflagelação*. 2ª ed. Coimbra: Almedina, 2012.
- SARDINHA, Tony Berber. Metaphor and Corpus Linguistics. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* 11 (2): 329-360, 2011.
- SEMINO, Elena. *Metaphor in Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- SOARES DA SILVA, Augusto. Image Schemas and Category Coherence: The Case of the Portuguese Verb *Deixar*. In Hubert CUYCKENS, René DIRVEN & John R. TAYLOR (eds.), *Cognitive Approaches to Lexical Semantics*, 281-322. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- _____. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.
- _____. O que sabemos sobre a crise económica, pela metáfora. Conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa. *Revista Media & Jornalismo* 23 (1): 11-34, 2013a.
- _____. Introdução. Comunicação política e económica: cognição e discurso. In Augusto SOARES DA SILVA, Cândido MARTINS, Luísa MAGALHÃES & Miguel GONÇALVES (eds.), *Comunicação Política e Económica. Dimensões Cognitivas e Discursivas*, 1-19. Braga: Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2013b.
- _____. (no prelo). The persuasive (and manipulative) power of metaphor in 'austerity' discourse: A corpus-based analysis of embodied and moral metaphors of austerity in the Portuguese press. In Manuela ROMANO and Maria Dolores PORTO (eds.), *Exploring Discourse Strategies in Socio-cognitive Interaction: A multimodal and cross-linguistic approach*. Amsterdam: John Benjamins.
- SOEIRO, José, Miguel CARDINA & Nuno SERRA (eds.). *Não Acredite em tudo o que Pensa*. Mitos do senso comum na era da austeridade. Lisboa: Tinta-da-China, 2013.
- STEEN, Gerard J. The Contemporary Theory of Metaphor – Now New and Improved! *Review of Cognitive Linguistics* 9 (1): 26-64, 2011.
- _____. The Cognitive-Linguistic Revolution in Metaphor Studies. In Jeanette LITTLEMORE & John R. TAYLOR (eds.), *The Bloomsbury Companion to Cognitive Linguistics*, 117-142. London: Bloomsbury Publishing, 2014.

STEFANOWITSCH, Anatol. Corpus-based Approaches to Metaphor and Metonymy. In Anatol STEFANOWITSCH & Stephan Th. GRIES (eds.), *Corpus-based Approaches to Metaphor and Metonymy*, 1-16. Berlin/NewYork: Mouton de Gruyter, 2006.

STEFANOWITSCH, Anatol & Stefan Th. GRIES. *Corpus-Based Approaches to Metaphor and Metonymy*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

VAN DIJK, Teun. Discourse and Manipulation. *Discourse and Society* 17 (3): 359-383, 2006.

VEREZA, Solange Coelho. Metáfora e argumentação: Uma abordagem cognitivo discursiva. *Linguagem em (Dis)curso* 7 (3): 487-506, 2007.

_____. Discourse, Cognition and Figurative Language: Exploring Metaphors in Political Editorials. In Augusto SOARES DA SILVA, Cândido MARTINS, Luísa MAGALHÃES & Miguel GONÇALVES (eds.), *Comunicação Política e Económica. Dimensões Cognitivas e Discursivas*, 395-406. Braga: Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2013.

ZLATEV, Jordan, Timothy P. RACINE, Chris SINHA & Esa ITKONEN (eds.). *The Shared Mind: Perspectives on Intersubjectivity*. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

Recebido em 06/11/2015. Aprovado em 20/11/2015.